

Possibilidade de amar menino e menina: Um estudo sob a ótica de crianças

Possibility of loving boy and girl: A study from the
perspective of children

Ariadne Dettmann Alves¹ Heloisa Moulin de Alencar² Antonio Carlos Ortega³

Resumo

Investigamos, neste artigo, os juízos de escolares quanto à possibilidade de amar uma criança do sexo oposto e do mesmo sexo. Entrevistamos, individualmente, 40 crianças (6 e 9 anos), igualmente divididas quanto ao sexo, alunas de uma escola particular, utilizando o método clínico. Verificamos que 85% dos participantes consideraram a possibilidade de amar uma criança do sexo oposto, justificando-a, principalmente, pela *'observação de experiência vivenciada'* e pela *'característica positiva da pessoa amada'*, sendo que esta última aumentou com a idade. No entanto, 65% consideraram ser possível amar uma criança do mesmo sexo, baseando seus argumentos no *'relacionamento de amizade'* e na *'consequência positiva para si próprio'*, sendo que ambos aumentaram com a idade. Ressaltamos que este tema, apesar de muito relevante, é pouco estudado na área da psicologia da moralidade. Sendo assim, são necessárias novas pesquisas e discussões sobre o tema, a fim de propiciar novas propostas de educação em valores morais.

Palavras-chave: Desenvolvimento moral; juízo moral; virtudes; amor.

Abstract

We investigated the school children judgments about the possibility of loving a child of the opposite sex and same sex. We interviewed, individually, 40 children (6 and 9 years) equally divided by gender, belonging to a private school, using the clinical method. We verified that 85% of the participants considered the possibility of loving a child of the opposite sex, justifying it, mainly by *'observation of lived experience'* and *'positive feature of the beloved'*, the latter having increased with age. However, 65% considered it possible to love a child of the same sex, basing their arguments on the *'friendship'* and *'positive result for oneself'*, both of which increased with age. We emphasize that this issue, although very relevant, is poorly studied in the field of psychology of morality. Thus, more research and discussions on the subject is needed in order to provide new education proposals on moral values.

Keywords: Moral development; moral judgments; virtues; love.

Recebido em 8 de setembro de 2012

Aprovado em 10 de janeiro de 2013

Publicado em 15 de julho de 2013.

INTRODUÇÃO

Diante da importância do tema das virtudes no desenvolvimento moral, pesquisamos sobre a virtude do amor. Neste artigo, analisaremos mais especificamente, os juízos de escolares sobre a possibilidade de amar uma criança do sexo oposto e do mesmo sexo. Para isso, discutiremos sobre o amor e sua relação com a moralidade.

Segundo Comte-Sponville (1999) a virtude moral é a capacidade de agir bem, mas é o bem para fazer, não apenas para contemplar. La Taille (2000) reflete que as virtudes evidenciam as qualidades do ser humano, e elas possibilitam as pessoas fazerem um juízo valorativo de si e dos outros. Esse autor destaca que todas as virtudes morais são merecedoras de estudos psicológicos, sendo importante investigarmos as altruístas como generosidade e gratidão, como também a compaixão, o amor, entre outras.

Estudando o tema das virtudes morais, escolhemos pesquisar sobre o amor. Mas o que é o amor? Comte-Sponville (1999) ressalta que, para responder a essa pergunta, é necessário se referir às suas três formas: *eros*, *philia* e *ágape*. *Eros* é a paixão amorosa, caracteriza-se pelo desejo do que falta, sendo assim rico em sofrimento, fracasso e desilusões. Por sua vez, *philia* é “o amor que fazemos ou damos, é ação” (p. 265), desta forma é a vontade de fazer o bem um ao outro, é querer o bem dos amigos, por amor a eles. Mas há ainda o amor da caridade: *ágape*, que é o amor universal, desinteressado, sendo amar até os inimigos, se estendendo à totalidade e à universalidade dos homens.

Para Betto e Cortella (2007), o amor é uma relação de igualdade e completude, na qual um não tem poder sobre o outro. Esses autores discutem que cada pessoa nasce com certa capacidade de praticar o amor, e “há quem chegue, nesta vida, a

quase esgotá-la, como Francisco de Assis, madre Tereza de Calcutá ou mesmo Gandhi” (p. 18). Entretanto, segundo os referidos autores, muitos não a desenvolvem nem 10%, devido à influência da nossa cultura capitalista que estimula o egoísmo. Por sua vez, Bauman (2004) afirma que se investimos numa relação esperamos algo de retorno, esperamos o lucro da segurança, o apoio quando precisamos, a companhia, o consolo, enfim, contamos com uma consequência positiva do relacionamento.

Segundo La Taille (2009), vivemos hoje uma cultura do tédio e da vaidade, na qual a prioridade é a busca de divertimento e constantes prazeres. O outro é invisível, ocorrendo o culto àqueles que são “vencedores”, e, ainda, há a presença constante de atos de violência. Porém, este é um tema que tem sido cada vez mais discutido e combatido, havendo um aumento de preocupação na defesa dos Direitos Humanos, sensibilidade frente aos que sofreram alguma deficiência, organizações que procuram dar apoio e visibilidade aos que sofrem miséria e exclusão. A partir dessas considerações, La Taille (2009) ressalta a importância da escola na formação de valores, uma vez que ela

[...] é uma verdadeira *usina de sentidos*, sentidos de vida (ética) e de convivência (moral), e não há outra instituição social de que se possa dizer o mesmo. No entanto, para que essa “usina” realmente produza algo de bom, algo de rico, é preciso que quem a dirige, quem nela trabalha, se disponha a fazê-lo. (p. 80-81).

Verificamos, portanto, no campo teórico, diversos conceitos sobre o amor, desde a paixão até a caridade. Gostaríamos de mencionar, ainda, o estudo empírico de Souza e Ramires (2006) que, no conjunto da investigação sobre as transformações das relações familiares, particularmente as geradas pelo divórcio, analisaram a concep-

ção de amor para 85 crianças e adolescentes de classe média urbana, entre 5 e 15 anos de idade. Os entrevistados afirmam que o amor constitui-se como elo nos relacionamentos entre pais e filhos, nas amizades e nos relacionamentos românticos. Amor é mencionado como uma condição humana, ou seja, “a experiência de gostar de alguém faz parte, inequivocadamente, da vida deles” (Ramires, 2006, p. 81).

A partir dessas considerações acerca do amor, podemos refletir sobre sua relação com a moralidade. Comte-Sponville (1999) descreve que só precisamos de moral porque nos falta amor. Entretanto, só é possível desenvolvermos moralmente devido ao “pouco de amor, ainda que a nós mesmos, que nos foi dado, que soubemos conservar, sonhar ou reencontrar” (Comte-Sponville, 1999, p. 245).

Mas qual seria a função do amor no desenvolvimento moral? Reportamo-nos a Piaget (1932/1994) e La Taille (2006) para essa discussão. Segundo Piaget (1932/1994), a criança até por volta de 4 anos ainda não tem conhecimento da regra como coercitiva, estando em uma fase de anomia (pré-moral). A partir dessa idade, ela começa a desenvolver o pensamento heterônomo, compreendendo que há ações que devem ou não ser realizadas. As regras são vistas como imutáveis, cabendo à criança apenas aceitá-las, assim as interpreta ao pé da letra, não as compreendendo de fato. Nessa fase, a criança respeita os pais por medo e amor: medo das punições e de perder o amor dos pais, e pelo apego e admiração que tem por eles. Há, portanto, o domínio do respeito unilateral. Por sua vez, a criança pode, por volta dos 10 anos, apresentar pensamento autônomo, desenvolvendo as relações de cooperação e respeito mútuo. Passa a compreender e interpretar as regras, possibilitando-a fazer suas próprias avaliações morais e a agir por princípios de reciprocidade e igualdade.

Para La Taille (2006), há algo comum a todas as expressões de moralidade: o sentimento de obrigatoriedade. Ele afirma ainda, que o amor e o medo são sentimentos indissociáveis para o sentimento de obrigatoriedade que inspiram a vontade de agir moralmente.

Diante dessa importância do amor para o desenvolvimento moral, o objetivo desse estudo é investigar e comparar aspectos psicogenéticos dos juízos de escolares quanto à possibilidade de amar uma criança do sexo oposto e do mesmo sexo, e as justificativas para as respostas mencionadas.

MÉTODO

Participantes

Desse estudo, participaram 40 crianças de uma escola particular do município de Vila Velha- ES, com idades de 6 e 9 anos, igualmente divididos quanto à idade e ao sexo.

Instrumento e procedimentos

Entrevistamos as crianças individualmente, utilizando o método clínico proposto por Piaget (1932/1994, 1947/2005). O roteiro da entrevista (versão masculina e versão feminina) está apresentado na Figura 1.

(VER NO FINAL)

Os participantes foram selecionados por meio de um sorteio. Ressaltamos que essa pesquisa segue os padrões éticos da Resolução N° 196/1996 do Ministério da Saúde - MS (1996) e da Resolução N° 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia - CFP (2000). Sendo assim, a diretora da escola e os pais dos alunos assinaram um termo de consentimento, autorizando as entrevistas. Os escolares foram esclarecidos verbalmente so-

bre os objetivos, procedimentos da pesquisa e sigilo das informações, sendo que os de 9 anos assinaram ainda um termo de assentimento. Assim, para respeitar o anonimato, ao citarmos os protocolos das entrevistas, utilizamos nomes fictícios seguidos da idade, entre parênteses. Para os participantes de 6 anos foram escolhidos nomes iniciados com a letra “A”, e para os de 9 anos, com a letra “F”. Ressaltamos que seus depoimentos, obtidos durante a entrevista e mencionados no decorrer do artigo, estão sempre destacados em negrito.

Para a análise dos dados, seguimos a sistematização proposta por Delval (2002), com base na teoria piagetiana. Priorizamos a análise qualitativa dos dados, e utilizamos referências em números e percentuais para o auxílio na apresentação e discussão dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisaremos, primeiramente, a possibilidade de amar uma criança do sexo oposto, e, em seguida, do mesmo sexo. Após essas considerações, faremos uma comparação dos principais resultados nas duas situações.

Possibilidade de amar uma criança do sexo oposto

A maior parte dos participantes (85%) afirmou ser possível uma criança amar outra de sexo oposto, sendo 16 escolares de 6 anos e 18 de 9 anos. Na Tabela 1 apresentamos os argumentos para essa questão. Ressaltamos que cada entrevistado pôde mencionar mais de uma explicação.

TABELA 1.

Justificativas dos participantes para a possibilidade (ou não) de amar uma criança do sexo oposto de acordo com a idade.

(VER NO FINAL)

Verificamos que os participantes fundamentaram suas respostas principalmente devido à ‘*observação de experiência vivenciada*’, podendo ser própria ou vivida por outras pessoas, sendo a explicação mais citada pelos dois grupos, havendo um pequeno decréscimo na frequência com o aumento a idade. A explanação de Andressa (6 anos) exemplifica esse argumento: **“A Bárbara [...] gosta de uma pessoa que se chama Hélio da minha sala. E isso eu queria te falar. Esse é que eu gosto. Eu também gosto de um garoto”**. Por conseguinte, constatamos que as crianças são influenciadas por experiências para a formulação das próprias concepções.

Outro motivo mencionado corresponde à ‘*característica positiva da pessoa amada*’. Dessa forma, é possível amar uma criança do sexo oposto, porque **“se ele acha essa menina legal, gosta dela. Ele pode gostar dela”** (Fernando, 9 anos). Logo, a possibilidade de amar estaria em função de seus atributos. Refletimos que se a pessoa ama outrem devido às suas qualidades, estas podem contribuir com algum benefício à pessoa que ama, assim esse argumento estaria relacionado ao interesse próprio. Essa concepção se distancia do conceito de amor *ágape*, uma vez que, segundo Comte-Sponville (1999), este é o amor universal, que inclui desconhecidos e inimigos. Sendo assim, como os participantes refletiriam sobre a possibilidade de amar uma pessoa que não conhecessem (assim, não saberia de suas qualidades) ou um inimigo (que possivelmente teria características negativas)? Além disso, como sua frequência aumentou no segundo grupo, nos perguntamos se esse crescimento se manteria com o incremento da idade. A partir desses questionamentos, sugerimos que outras pesquisas possam ser realizadas, investigando a possibilidade de amor a desconhecidos e inimigos, abrangendo maior quantidade de faixas etárias.

Foram citadas a ‘*condição de ser criança*’ e o ‘*relacionamento de amizade*’

e/ou familiar’, e ambos decresceram com a idade. A primeira refere-se à impossibilidade de amar por ainda ser criança, exemplificado no depoimento de Ariele (6 anos): “Você acha que uma menina da sua idade pode amar um menino? Você acha que pode? **Não**. Por que você acha que não pode? **Porque ainda é criança**. Por que sendo criança não pode? **Porque... Eu não sei ainda.**”

Desta forma, para a participante não seria possível amar uma criança do sexo oposto, devido a sua própria idade. Como afirma Adriana (6 anos): “**é coisa de adulto**”. Por sua vez, Felícia (9 anos) explica que “**acho que a gente ainda não se desenvolveu bem, não tem ainda sentimentos de gente grande, mas pode até admirar, não amar assim, mas pode admirar, gostar**”. Nesse sentido, com o aumento da idade esse não seria mais o impedimento para a possibilidade de amor, havendo, portanto, decréscimo dessa explicação no grupo de escolares de 9 anos.

Por sua vez, os fundamentos sobre o *‘relacionamento de amizade e/ou familiar’* remetem para o vínculo existente. Assim, é possível amar uma criança de sexo oposto “**porque todos são amigos**” (Alana, 6 anos), e ainda como afirma Anita (6 anos): “**porque pai é um menino. Criança é menino. [...] Porque o pai é um menino e a gente pode amar o pai**”. Na pesquisa de Souza e Ramires (2006), seus participantes (5 a 15 anos) declararam que o amor seria o elo nos relacionamentos entre pais e filhos, na amizade e nos relacionamentos amorosos, e consideraram o vínculo familiar como mais relevante, seguido da amizade. Estes dados ressaltam a importância destes vínculos na relação de amor. Evidenciamos que a frequência dessas explicações diminuíram com a idade. Desta forma, com o aumento da idade a criança deixaria de justificar o amor a outrem do sexo oposto por este ser alguém da família ou um amigo, uma vez que pode estar desenvolvendo a concepção do amor romântico.

As crianças mencionaram ainda a *‘possibilidade de brincar’*, ou seja, um menino pode amar uma menina **‘porque eles ficam brincando no parquinho’** (Alan, 6 anos). Por conseguinte, salientam uma ação comum de suas vivências.

Agrupamos em *‘outros’* as explicações que não poderiam ser incluídas nas anteriores, e foram citadas apenas uma vez. São argumentos sobre a possibilidade de amar devido à *condição de estar quase na adolescência*, por *achar bonito e por demonstrar afeto*; sobre a impossibilidade referente ao *fato da mãe falar que pode admirar, mas não amar* e a afirmação de que *não sabe responder*. Todos esses motivos foram mencionados por crianças de 9 anos.

Possibilidade de amar uma criança do mesmo sexo

Em seguida, investigamos a possibilidade de uma criança amar outra do mesmo sexo. Mais da metade (65%) afirmou ser possível, mas 27,5% das crianças negaram a possibilidade. Além disso, alguns escolares responderam que *‘depende’* (7,5), como cita Fabrício (9 anos): “E você acha, então, que é possível um menino da sua idade amar um menino? **Se for de amizade sim, do outro jeito não**. Que outro jeito você fala? **Aquele outro jeito de namorar**”.

Podemos analisar algumas diferenças quanto à idade, conforme demonstrado na Figura 2.

Figura 2. Possibilidade de amar uma criança do mesmo sexo: comparação das respostas conforme a idade.

(VER NO FINAL)

Verificamos que, com o aumento da idade, há incremento no número de participantes que optaram pela possibilidade de amar uma criança do mesmo sexo, e, desta

forma, a quantidade de escolares que negou a referida possibilidade diminuiu com

TABELA 2.

Justificativas dos participantes para a possibilidade (ou não) de amar uma criança do mesmo sexo de acordo com a idade.

(VER NO FINAL)

O principal argumento mencionado refere-se ao *'relacionamento de amizade'*, sendo o mais citado pelos dois grupos, e ainda aumentou sua frequência com a idade. A explanação de Francisca (9 anos) ilustra esse fundamento: **“Porque ué, você pode ser amiga!”**. Também justificaram, com frequência menor, pelo *'relacionamento familiar'*, cujo exemplo transcrevemos: **“Porque mãe também é uma menina, e a gente ama ela também”** (Anita, 6 anos). Constatamos, portanto, que o vínculo, especialmente, da amizade seria condição para a possibilidade de amar alguém do mesmo sexo, e ainda aumenta com a idade.

Em seguida, os escolares, principalmente de 9 anos, afirmaram sobre a *'consequência positiva para si próprio'*. Sendo assim, Fátima (9 anos) considera ser possível amar uma menina **“porque ela pode te ajudar em situações difíceis”**, ou seja, devido ao interesse próprio. Outra categoria que pode estar relacionada ao benefício próprio, como discutimos na questão anterior, é a *'característica positiva da pessoa amada'*. Apesar de esta ter sido pouco mencionada, verificamos a relevância do interesse próprio na possibilidade de amar devido ao aumento das menções à *'consequência positiva para si próprio'*.

Nesse mesmo sentido, Bauman (2004) discorre que quando se investe em um relacionamento se espera algo de retorno, ou seja, uma consequência positiva. Para Betto e Cortella (2007), apesar de cada pessoa nascer com certa capacidade de

amar, muitos não a desenvolvem nem em 10%, devido à influência da nossa cultura que estimula o egoísmo. Como discutimos anteriormente, La Taille (2009) também se refere à busca da satisfação dos próprios interesses. Esse autor afirma que estamos hoje em uma cultura do tédio e da vaidade, na qual as necessidades de outrem não são percebidas, além disso, há a busca constante de divertimento e prazeres. Sendo assim, podemos refletir que isso estaria relacionado ao aumento na frequência dos argumentos sobre, principalmente, a *'consequência positiva para si próprio'*. Questionamos: esse aumento se manteria presente em outras faixas etárias? Para responder a essa pergunta, sugerimos que outras pesquisas possam ser feitas, compreendendo outras idades.

De forma semelhante aos argumentos sobre o *'relacionamento familiar'* e *'característica positiva da pessoa amada'*, os demais também foram pouco mencionados. Ressaltamos as explicações sobre *'observação de experiência vivenciada'*, que apesar de referida poucas vezes, evidencia sua influência nas concepções das crianças.

Para a apresentação das demais justificativas, analisaremos primeiramente as que foram citadas por apenas uma criança de cada idade, em seguida as referidas somente pelos mais novos, depois as afirmadas apenas pelos mais velhos, e, por último, a categoria *'outros'*. Verificamos que *'consequência positiva recíproca'*, *'motivos religiosos'* e *'homossexualidade'* foram citados por apenas uma criança de cada idade. Analisemos cada um desses fundamentos.

As explicações sobre *'consequência positiva recíproca'* se referem à consequência positiva na qual ambos são beneficiados pela relação de amor. Ressaltamos a explanação de Felícia (9 anos), que afirma ser possível amar uma menina **“porque a gente confia uma na outra”**. Por sua vez, agrupamos em *'motivos religiosos'* as justificativas sobre a impossibilidade de amar,

devido a fundamentos religiosos. Nesse sentido, Fabiana (9 anos) declara não poder amar uma criança do mesmo sexo **“porque não é de Deus amar uma menina”**. Além disso, *‘homossexualidade’* inclui as menções sobre esse tema, como o depoimento de Adão (6 anos), **“é gay isso [amar uma criança do mesmo sexo]”**, negando a possibilidade de amar. Apesar de esses argumentos terem sido citados por apenas um participante de 6 e um de 9 anos, consideramos importante que outras pesquisas investiguem, principalmente, a relação da religião com a moralidade, e, ainda, a concepção que as crianças têm sobre a homossexualidade.

Apenas os escolares mais novos explanaram sobre *‘não dever’*, *‘argumento circular’* e *‘dado perdido’*. *‘Não dever’* corresponde ao dever de não amar a criança de mesmo sexo, como demonstra Adriana (6 anos):

“Você acha que uma menina da sua idade pode amar uma menina? **Não**. Por que não? Por que você acha que uma menina da sua idade não pode amar uma menina? **Porque menina não pode amar menina**. Por que não? **Não sei**. [...] E por que você acha que uma menina não pode amar outra menina? **Porque não pode fazer**. Mas como você sabe que não pode fazer? [...] **Eu não sei. Não pode.**”

Constatamos que esse *‘não dever’* refere-se puramente a uma proibição, não havendo uma explicação embasada para essa restrição. Em *‘argumento circular’* consideramos as explicações dadas pelas crianças que não fundamentam suas respostas, evidenciando a dificuldade em justificar a questão. A explanação da Ariele (6 anos) é um exemplo do referido argumento:

“Uma menina da sua idade pode amar uma menina? **Não**. Você acha que não? Por quê? **Porque é feio**.”

É feio uma menina de a sua idade amar uma menina? **É**. E como você sabe que é feio? Por que é feio? **Porque... Esqueci**. Mas você acha que é feio? **É**.”

Além disso, um escolar não conseguiu responder à questão, assim consideramos como *‘dado perdido’*. Podemos relacionar as explicações sobre *‘não dever’*, o *‘argumento circular’* e o *‘dado perdido’* à heteronomia, descrita por Piaget (1932/1994), na qual as crianças consideram que as regras são imutáveis e impostas a ela, assim aceita-as cegamente e não desenvolve seu próprio conceito, apresentando dificuldades em argumentar suas respostas, desenvolvendo, dessa forma, seus próprios conceitos, esses tipos de explicações não são mais mencionados.

Verificamos ainda que *‘sentimento’* e *‘ausência de preconceito’* foram afirmadas apenas pelos escolares mais velhos. A justificativa pelo *‘sentimento’* pode ser exemplificada por Felícia (9 anos): **“porque gosta dela”**, ou seja, para ela uma menina pode amar outra menina pelo sentimento existente. Por sua vez, sobre a *‘ausência de preconceito’*, Fernando (9 anos) afirma: **“Bom, eu não sou contra a homossexualidade. [...] Porque se ele nasceu desse jeito, deixa ter a escolha dele. Ninguém pode impedir ninguém de amar a pessoa. [...] É, ninguém pode impedir a escolha dele”**. Constatamos, portanto, que algumas crianças ressaltam a ausência do preconceito. Assim, destacamos, novamente, a necessidade de outros estudos para maior investigação.

Em *‘outros’* agrupamos as justificativas pela *liberdade de amar quem quiser*; possibilidade de se abraçarem, constituindo uma *consequência positiva indefinida*; porque todos irão rir, ou seja, devido à *consequência negativa*; *por achar estranho*; e a afirmação de *não saber responder*.

Comparação entre a possibilidade de amar uma criança do sexo oposto e do mesmo sexo

Em nossa investigação, pudemos verificar que a maioria dos participantes considerou ser possível amar uma criança do sexo oposto. Além disso, mais da metade confirmou essa possibilidade quanto ao mesmo sexo, entretanto, representa um número inferior se comparado com a questão anterior. A maioria dos escolares que afirmou não ser possível amar uma criança do sexo oposto e mesmo sexo tinha 6 anos. Por outro lado, apenas os mais velhos afirmaram que dependia ao responderem sobre a possibilidade de amar uma criança do mesmo sexo, fazendo uma distinção entre amor à família e aos amigos e relacionamento amoroso.

Comparemos algumas justificativas nas duas situações investigadas. Sobre a possibilidade de amar uma criança do sexo oposto, os argumentos se referiram, principalmente, à observação de experiência vivenciada e característica positiva da pessoa amada, sendo que esta última aumentou com a idade. Apesar de pouco mencionado, é importante destacarmos o relacionamento de amizade e/ou familiar e a impossibilidade de amar devido à condição de ser criança.

Quanto ao amor à criança do mesmo sexo, as principais justificativas foram sobre o relacionamento de amizade e consequência positiva para si próprio, sendo que ambos aumentaram com a idade. Ressaltamos que, apesar de frequência menor, foram citadas explicações sobre o relacionamento familiar, característica positiva da pessoa amada e observação de experiência vivenciada.

Desta forma, podemos afirmar que os argumentos sobre a observação de experiência vivenciada, característica positiva e o relacionamento de amizade e familiar foram mencionados em ambas as questões, demonstrando a importância na formulação das concepções das crianças.

Por sua vez, constatamos que as explicações sobre a possibilidade de amar uma criança do sexo oposto devido ao relacionamento de amizade e/ou familiar diminuiu com a idade, possivelmente devido ao aumento da concepção sobre o amor romântico. Entretanto, para a condição de mesmo sexo, houve o aumento da afirmação pela possibilidade da condição da amizade. Assim, poderia amar uma criança do mesmo sexo se este fosse amigo. A partir do que foi exposto, evidenciamos a necessidade novas pesquisas e discussões sobre o tema, a fim de propiciar novas propostas de educação e na formação moral das crianças.

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar
- Betto, Frei, & Cortella, M. S. (2007). *Sobre a esperança: diálogo*. Campinas: Papirus.
- Comte-Sponville, A. (1999). *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes.
- Delval, J. (2002). *Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças* (F. Murad, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- La Taille, Y. (2000). Para um estudo psicológico das virtudes morais. *Educação e Pesquisa*, 26 (1), 109-121.
- La Taille, Y. (2006). *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed.
- La Taille, Y. (2009). *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed.
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança* (2ª ed., E. Leonardon, Trad.). São Paulo: Summus. (Original publicado em 1932).

Piaget, J. (2005). Introdução - Problemas e Métodos. In *A representação do mundo na criança* (A. U. Sobral, Trad., pp. 9-31). Aparecida, SP: Idéias e Letras. (Original publicado em 1926).

Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (2000). Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas em Psicologia com seres humanos. Brasília, DF: CFP.

Resolução 196/1996 do Ministério da Saúde (1996). Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF: MS. Recuperado em 20 de abril de 2010, de <http://www.conselho.saude.gov.br>.

Souza, R. M. de, & Ramires, V. R. R. (2006). Amor, casamento, família, divórcio... e depois, segundo as crianças. São Paulo: Summus.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES. Endereço: Universidade Federal do Espírito Santo. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Av. Fernando Ferrari, 514. CEP 29.075-910. Vitória-ES, Brasil. E-mail: alves.ariadne@gmail.com. Telefone: 88024020.

² Professora Doutora do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES.

³ Professor Doutor Colaborador e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES.

Figura 1. Roteiro da entrevista.

[Para participantes meninos]	[Para participantes meninas]
1.a Um menino da sua idade pode amar uma menina?	1.a Uma menina da sua idade pode amar um menino?
1.b Por quê?	1.b Por quê?
2.a Um menino da sua idade pode amar um menino?	2.a Uma menina da sua idade pode amar uma menina?
2.b Por quê?	2.b Por quê?

TABELA 1.

Justificativas dos participantes para a possibilidade (ou não) de amar uma criança do sexo oposto de acordo com a idade.

Categoria	6 anos		9 anos		Geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Observação de experiência vivenciada	13	50,0	11	44,0	24	47,0
Característica positiva da pessoa amada	2	7,7	5	20,0	7	13,7
Condição de ser criança	4	15,4	2	8,0	6	11,8
Relacionamento de amizade e/ou familiar	5	19,2	1	4,0	6	11,8
Possibilidade de brincar	2	7,7	1	4,0	3	5,9
Outros	0	0,0	5	20,0	5	9,8
Total	26	100,0	25	100,0	51	100,0

Figura 2. Possibilidade de amar uma criança do mesmo sexo: comparação das respostas conforme a idade.

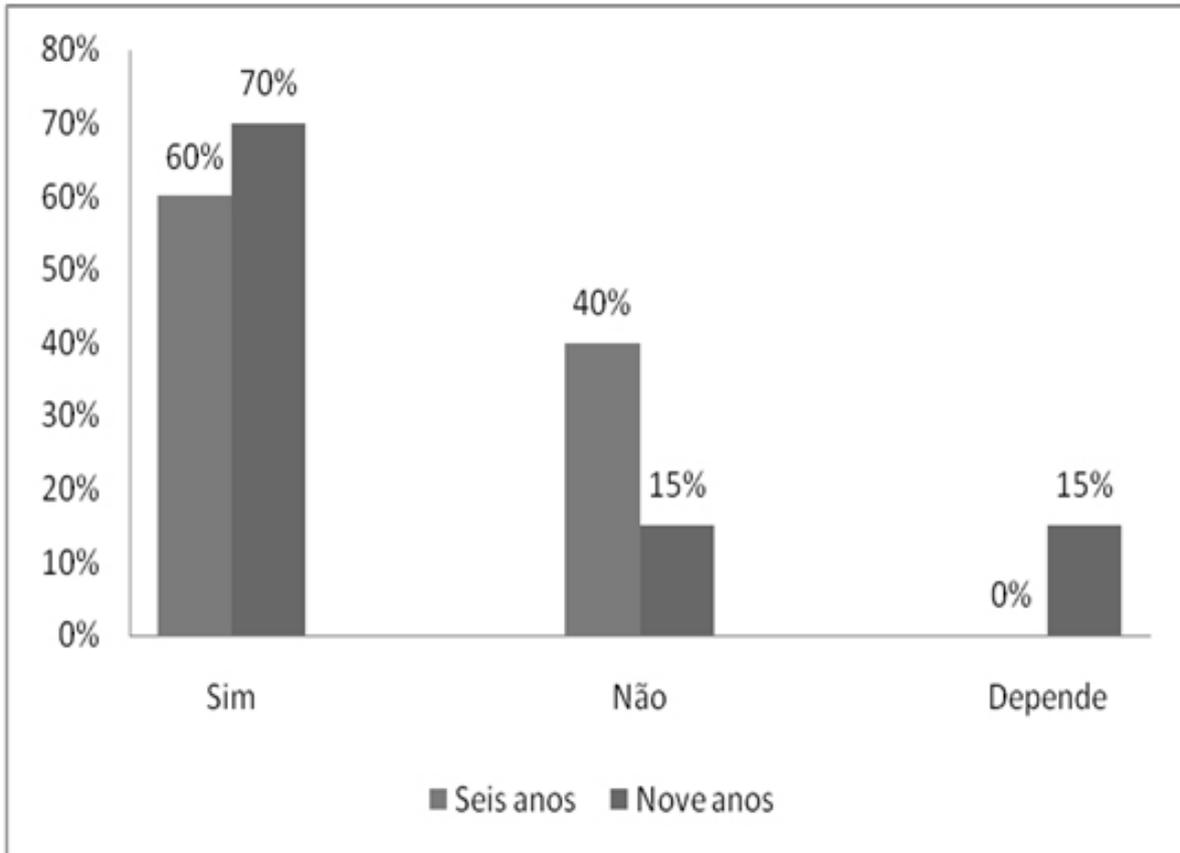


TABELA 2.

Justificativas dos participantes para a possibilidade (ou não) de amar uma criança do mesmo sexo de acordo com a idade.

Categoria	6 anos		9 anos		Geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Relacionamento de amizade	8	32,0	14	41,2	22	37,3
Consequência positiva para si próprio	1	4,0	6	17,7	7	11,8
Relacionamento familiar	1	4,0	2	5,9	3	5,1
Característica positiva da pessoa amada	2	8,0	1	2,9	3	5,1
Observação de experiência vivenciada	1	4,0	2	5,9	3	5,1
Não dever	3	12,0	0	0,0	3	5,1
Consequência positiva recíproca	1	4,0	1	2,9	2	3,4
Motivos religiosos	1	4,0	1	2,9	2	3,4
Homossexualidade	1	4,0	1	2,9	2	3,4
Ausência de preconceito	0	0,0	2	5,9	2	3,4
Sentimento	0	0,0	2	5,9	2	3,4
Argumento circular	2	8,0	0	0,0	2	3,4
Outros	3	12,0	2	5,9	5	8,4
Dado perdido	1	4,0	0	0,0	1	1,7
Total	25	100,0	34	100,0	59	100,0